

BARCELLOS

Curas, frailes, escribanos y gitanos

CONTO POPULAR

Cuando andaba el señor por el mundo fueron á verlo los curas. El Señor les preguntó qué querian y ellos dijeron que dinero.—Lo tendreis, les contestó.

Despues llegaron los frailes y tambien le pidieron dinero. El Señor les dijo—se lo llevaron los curas.

—Pues tentremos paciencia.—Paciencia tendreis, les contestó.

Luego se apresentaron los escribanos.

—¿Qué quereis?

—Dinero, Señor.

—No puede ser: se lo levaron los curas.

—Pues paciencia.

—Tampoco; se la llevaron los frailes.

—Vaya un *enredo*.

—Pues esso tendreis; *enredos*. Detrás de los escribanos llegaron los gitanos.

—¿Qué quereis? Les dijo el Se-

ñor.

—Queremos, dinero.

—Ya es tarde. Se lo llevaron los curas.

—Entonces, paciencia.

—Tampoco. Se la di á los frailes.

—¡Vaya unos *enreos*!

—Los *enreos* son de los escribanos.

—¡Vaya un robo!

—Pues vivir de eso que es lo que queda.

Desde entonces el dinero es de los curas, y la paciencia de los frailes, los escribanos viven del *enredo* y del robo los gitanos.

por la copia
L. R. Y E.

[Recogido en Fregenal.]



Conto popular portuguez

Villa Nova de Gaia.—arredores do Porto (1)

Era um home viuvo e tinha uma

filha; casou com uma mulher tambem viuva e que tinha outra filha.

Depois a mulher á filha que era d'ella mandava-a deitar dizendo-lhe:

—Faz mijinha e vae-te deitar.

A' outra fazia-a serandar e ma-drugar.

Chegou o tempo em que as duas filhas casarão; mas ellas forão cada uma para suas casas. Os paes destinãrão um dia a fazer um banque-te, e depois tinhão-nas convidado para ellas vir. Chegou-se a hora de ellas chegar, e não apparecião, e vae o home, foi ver se vinhão. Viu-as vir ao longe, foi para dentro e disse para a mulher:

A nossa seranda e madrugã
Vem lá de alta mula;
A nossa faz mijinha e vae-te deitar
Vem c'uma lazeira, que nem pó-
de caminhar.

J. Leite de Vasconcellos.



Os animaes encarados pelo povo

O povo considera em cada ani-mal mais particularmente uma cer-ta propriedade na sua conversação habitual, havendo alguns todavia que são tomados em mais de um aspecto.

Eis alguns exemplos:

Cão significa; *mãu, humilde, per-guiçoso etc.*

Fulano trata a mulher como a um

cão, é um cão para ella.

Cama de chão é cama de cão.

Traballia como um cão deitado

Gato: lubricidade etc.

Fulano anda ás gatas (anda a va-diar namorando esta e aquella)

Importamos de França o sentido de garridice, chamando gata á mu-lher *coquette*, mas o povo ainda não o usa.

Andar de gatas é andar com as mãos e pés pelo chão.

Lobo: voracidade, fealdade.

Como como um lobo.

E' feio como um lobo.

Papagaio: parlapatice.

Aquillo é um papagaio; papagueia tudo mas não precebe nada.

Gallo: dominio.

E' mãu dois gallos n'um poleiro.

Gallinha: doença, fraqueza.

E' mãu gallinha.

Cá vae a gallinha com a sua pevi-de.

Porco: immundicia.

E' um porco.

Pavão: idiotismo, vaidade.

E' um pavão.

Pato: parvoico, fraqueza.

E' um pato.

Pomba: mansidão.

E' como um pombo.

Egualmente cordeiro ou borrego.

Carneiro: estupidez, contumacia.

E' bronco como um carneiro; tei-moso como um carneiro, não lho entra nada nos *cascos* (cabeça).

Ovelha: debilidade, ruindade.

Ovelhas não são para matos.

E' mã ovelha.

Boi: corpulencia.

E' como um boi de grande que é,

Vacca: fertilidade.

E' mesmo uma vacca.

(Continua)

XLVIV

Joaquim Maria Socorro de Brito.

(1) Devo este conto ao meu ami-go J. Vieira d'Andrade.

Tradições populares de Bar-
cellos

II

CONTOS POPULARES

II

O MARÇAGÃO

(Continuado de pag. 21 do 1.º volume)

Em Barcelinhos morava um homem pobre, casado com uma mulher do soalheiro e elle dizia-lhe sempre—«O' mulher, fia linho para assim que vier o Março deitares uma toia de linho, e além d'isso não temos camizas, nem lençoes para nos deitarmos»—E a mulher respondia—«O'ra, é o mesmo; nós podemos dormir sem lençoes e andar sem camiza, e em vindo o Março deito uma esteira no areal»—«Disse-lhe o homem»: — «Sim, sim, pois deita.»

Chegou o mez de Março, e todas as mulheres deitaram cada qual a sua toia. Diz-lhe o homem:—«O' mulher, ta não tens vergonha! todas as mulheres tem as suas toias a córar e tu não tens nada!

A mulher enche-se de raiva e pegou n'uma esteira e estendeu-a no areal, e de quando em quando deitava-lhe uns barrufos d'agua.

O homem ao ver aquillo vestiu-se de Março e foi ao rio e começou a perguntar ás mulheres:—«De quem é esta toia? respondia a dona, é minha; e esta, e esta etc.» Quando chegou á esteira da mulher, gritou muito alto—«De que é esta?» E a mulher já a tremer disse:—«É' minha».

Elle então pegou n'um pau dando-lhe com quanta força tinha disse gritando:

«Sou o Março Marçagão
Curo meadas, esteira não.»

C. A. Landolt.



FOLK-LORE ALENTEJANO

XXII

CANTIGAS DO NATAL

(Continuado do n.º 4 da 3.ª serie)

Cantae anjos ao menino,
Em quanto a Virgem dorme,
Cantae-lhe de mansinho,
Com que a Virgem não acorde.

Cantae anjos ó menino,
Qu'ahi vem S. José,
Que lhe tras uns sapatinhos,
Da feira de Santo André.

Eu heide dar ao menino,
Cinco pedras preciosas,
Cada pedra com cinco quinás,
Cada quiná com cinco rozas.

Eu heide dar ao menino
Do meu rebatido um borreguinho,
Tambem elle ha-de ser
Da minha alma o pastorinho.

Eu heide dar ao menino
Um vestido eôr d'amora,
Tambem elle me hade dar
Um logarinho na gloria.

Eu hêde dar ao menino
Par'á nôte de Natal,
Camisinha de cambraia,
Botõesinhos de christal.

S. José vem cà baixo
Acender um candieiro,
Esta noite nos nasceu
Deus e homem, verdadeiro.

O menino de Maria
Chama pae a S. José,
Que lhe trouxe os sapatinhos
Da feira de Santo André.

O menino chora, chora,
Chora pelos sapatinhos,
Haja quem lhe dê as solas,
Que eu lhe farei os saltinhos.

O menino chora, chora,
Não chora por ter dores,
Chora a má correspondencia
Que me dão os peccadores.

Em palhinhas deitado
O Deos menino appareceu,
Pelo amor pelos homens,
Em uma cruz morreu.

Vamos ver a barea nova
Que fizeram os serranos,
Vem nossa Senhora d'entro
Toda coberta de ramos.

Das palhinhas do presepio
Heide fazer um luminho,
Par'abrasar a minh'alma
Em chamas d'amor divino.

Lá no meio do mar largo
Está uma fonte d'agua fria,
Donde se baptisou Christo,
Filho da Virgem Maria.

A Virgem Nossa Senhora
Tem uma rica toalha,

Lavada na fonte santa,
Estendida na minh'alma.

Sou cigana do Egipto
Minha sina é roubar,
Heide furtar o Deus menino
P'ra minh'alma se salvar.

O' passarinho atrevido,
Que cantaes no campanario,
Recordae a Deus menino
Que está dormindo no sacrario.

Já o sacrario está aberto
E os anjos estão lá dentro,
Cantando ao Deus menino
Tantum ergo sacramento.

Do mundo o redemptor
Acaba de nascer,
Entoemos-lhe hymnos d'amor,
Por tanto nos querer.

Hymnos de ventura
Ao Deus menino entoemos,
Pelo seu nascimento
D'alegria exaltemos.

S. José é carpintêro,
P'ró ceu fez uma cruz,
No meio poz um letreiro,
Dizendo: Viva Jesus.

O' mê menino Jásus,
Boquinha tão doce,
Olhou para mim,
Dormiu e ficou-se.

Jesus Deus nascido,
Jesus nosso Salvador,
Jesus Deus menino,
Jesus nosso Redemptor.

ELVAS,

(Continúa)

Antonio Thomaz Pires.